

Professor vai ao sertão atender aluno

SALVADOR — A professora Maria Cristina de Oliveira, de 22 anos, tem à sua frente um casal de vendedores de carvão, Josefina e José Bispo, e uma escadinha de 11 filhos, de dez meses a 14 anos. Eles vivem numa minúscula casa e pau-a-pique, perdida na zona rural do Riachão, distrito de Ipojuca, a 15 quilômetros da Escola Wolf Weinberg. A sua missão é acompanhar ali o rendimento escolar de Cleide, Clemildo e José, três das crianças matriculadas no novo estabelecimento.

Os três alunos de 8, 9 e 10 anos passarão dois meses com a família para depois retornar à escola. Embora tanto a professora como o técnico agrícola não possam visitá-los mais de três vezes ao longo deste período, as crianças são orientadas a cumprir as lições de casa diariamente. Um desses deveres, aliás, acaba de render a primeira horta no terreno da família. Durante o mês que permaneceram na Wolf, as crianças aprenderam técnicas básicas de horticultura, como fabricar adubo e a respeitar as regras de rotação de cultura da terra. “Agora vamos economizar algum dinheiro na feira”, comemora Josefina.

A professora itinerante fará mais nove visitas até o final do dia. Na hora do almoço, ela apanha sua marmita e senta-se com o motorista da Fundação José Carvalho e o técnico agrícola para comer à sombra de uma árvore. Para chegar ao próximo destino, em Bela Vista, percorrerão ainda cinco quilômetros a cavalo. Em outros trechos, nem cavalo resolve — e o jeito é ir a pé. Como os outros professores da fundação, Maria Cristina tem um rendimento três vezes superior ao dos professores das escolas municipais. Ganha três salários mínimos. Ela começa trabalhar às oito horas, mas só por volta das 17 horas está de volta à “rua” — palavra que os moradores da região empregam para referir-se à cidade.